

A variação lexical nos cordéis do poeta Zé da Luz
The lexical variation in the cordéis of the poet Zé da Luz

Luana Aparecida da Silva
 Universidade Estadual de Londrina

Resumo: Pautados nos pressupostos teórico-metodológicos na Dialectologia, os estudos sobre variação linguística observam a diversidade linguística do português brasileiro tanto na modalidade oral quanto escrita. Modalidades essas que são usadas em diversos contextos sociais, apresentando objetivos e ênfases diferentes em cada situação comunicativa. Posto isso, este artigo tem por objetivo analisar a variação lexical na escrita de cordel, especificamente na obra *Brasil Caboclo – O sertão em carne e osso* (1979), do cordelista Zé da Luz, buscando identificar, nos cordéis, os aspectos linguísticos da fala rural paraibana, verificar a forma como cada variante foi registrada no português brasileiro e comparar o léxico presente nestes textos com os dados do *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984) e do *Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB* (2014). Esperamos, assim, constatar que Zé da Luz faz uso de uma linguagem simples e regional, que explora a riqueza do vocabulário usado na região Nordeste do Brasil, permitindo compreender a variedade do português brasileiro.

Palavras-chave: Dialectologia; Variação lexical; Cordel; Zé da Luz.

Abstract: Based on theoretical-methodological assumptions in Dialectology, studies on linguistic variation observe the linguistic diversity of brazilian portuguese both in oral and written modality. Modalities that are used in different social contexts, presenting different objectives and emphases in each communicative situation. That said, this article aims to analyze the lexical variation in cordel writing, specifically in the work *Brasil Caboclo – O sertão em carne e osso* (1979), of the cordelist Zé da Luz, seeking to identify, in the cordéis, the linguistic aspects of Paraíba rural speech, check how each variant was recorded in brazilian portuguese and compare the lexicon present in these texts with data from the *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984) and the *Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB* (2014). I hope, therefore, to verify that Zé da Luz uses a simple and regional language, which explores the richness of vocabulary used in the Northeast region of Brazil, allowing you to understand the variety of Brazilian Portuguese.

Keywords: Dialectology; Lexical variation; Cordel; Zé da Luz.

Recebido em 13 de julho de 2024.

Aprovado em 22 de novembro de 2024.

Introdução

O cordel é um gênero literário que faz uso da escrita e da oralidade para propagar seus versos e alcançar o público leitor que aprecia suas temáticas, visto que os cordelistas escrevem como se estivessem contando uma história em voz alta, ou seja, o seu texto ultrapassa os limites do papel para se tornar voz (ABREU, 1999). Dessa

forma, podemos dizer que o cordel pode ser entendido como uma forma híbrida entre o oral e o escrito, uma vez que sua linguagem é maleável, possibilitando tornar o escrito em oral e vice-versa, e ser transmitido de um leitor para outro.

São, por meio da escrita de cordel, retratados os aspectos culturais do Nordeste, abordados os fatos do cotidiano do povo sertanejo e transmitida a diversidade do português falado nesta região, uma vez que este gênero carrega marcas da língua falada, a qual apresenta variações. Sendo assim, o estudo do cordel, segundo Silva (2021), possibilita não só uma melhor compreensão da cultura popular brasileira, como também das variedades do português falado no Nordeste, promovendo a valorização da diversidade linguística.

Diante disso, este artigo tem por objetivo analisar, à luz da Dialetologia, a variação lexical na obra *Brasil Caboclo – O sertão em carne e osso* (1979), de Zé da Luz, no intuito de identificar, nos cordéis, os aspectos linguísticos da fala rural paraibana, verificar a forma como cada variante foi registrada no português brasileiro e comparar o léxico presente nos poemas com os dados do *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984) e do *Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB* (2014). Isso nos permitirá verificar quais palavras ou expressões os informantes da região do Nordeste usam e que possam vir a figurar nos cordéis estudados, configurando uma característica do falar paraibano.

1. A poesia de Zé da Luz

O poeta paraibano Severino de Andrade Silva, mais conhecido como Zé da Luz, nasceu na cidade de Itabaiana, em 29 de março de 1904. Filho de pais pobres, Zé da Luz estudou somente até o terceiro ano do primário, pois, após a morte de seu pai, deixou a escola e começou a trabalhar como alfaiate. Alguns anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde continuou exercendo a profissão de alfaiate. Lá, trabalhava ao lado da livraria José Olympio, local visitado por escritores renomados da literatura brasileira, como Manuel Bandeira e José Lins do Rêgo. Foi assim que Zé da Luz passou a ter contato com outros autores e iniciou sua carreira como escritor.

No ano de 1936, o poeta publicou sua primeira obra *Brasil Caboclo*, que foi um sucesso editorial e recebeu vários elogios da crítica, sendo considerada uma coletânea

de pura brasilidade e um livro de carne e osso, visto que, em seus versos, não havia nada de falso ou artificial (LUZ, 1979).

Em 1954, Zé da Luz publicou sua segunda obra *Sertão em carne e osso*. Essa foi caracterizada como mais triste e mais lírica do que a primeira, uma vez que seus versos marcam a saudade e a distância de sua terra natal, a qual considerava seu berço e fonte de inspiração, mas que o destino lhe negou para ser seu túmulo.

Suas obras, caracterizadas pela espontaneidade e força poética, renderam mais de cinco edições e, em ambas, o poeta enaltece a Paraíba, traz as vozes silenciadas do sertão e preserva, em seus cordéis, a linguagem regional, ressaltando a cultura nordestina e a riqueza do vocabulário usado nesta região (SILVA, 2021). Portanto, sua poesia “faz florescer um vasto campo de possibilidades, permitindo-nos o estudo da sua história de vida, da sua linguagem, da sua crítica de forte cunho social e das imagens e discursos do sertão (ROSA, 2008, p. 31)”.

2. Metodologia

Tendo em vista que, com o presente artigo, pretende-se proceder a uma análise comparativa, no aspecto lexical, entre os cordéis da obra *Brasil caboclo – O sertão em carne e osso* (1979) e os dados do *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984) e do *Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB* (2014), foram utilizados, neste estudo, os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия, uma vez que esta ciência faz o levantamento dos falares regionais, bem como registra e descreve as características e tendências linguísticas, o que permite identificar as particularidades da língua usada em uma dada área dialetal, neste caso a região da Paraíba.

Para a análise do *corpus*, selecionamos os trechos dos cordéis em que notamos a presença da variação linguística, identificamos e destacamos, nestes poemas, os aspectos lexicais que possam vir a figurar a fala rural paraibana.

Em virtude da necessidade de comparar o léxico dos cordéis com dados de fala de outras obras, utilizamos os resultados do questionário semântico-lexical (QSL) registrado no *Atlas Lingüístico Paraíba* (1984) – ALPB e no *Atlas Lingüístico do Brasil* (2014) – ALiB, aplicado em localidades distintas da Paraíba. Com isso, buscamos verificar quais palavras ou expressões os informantes dessa região usam e que possam

vir a figurar nos estudos pesquisados, configurando uma característica do falar paraibano.

Após o levantamento do léxico, a fim de averiguar a forma como os termos identificados estão registrados, consultamos dois dicionários de uso geral de língua portuguesa: *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001) e *Novo dicionário da língua portuguesa* (1986); e o *Dicionário do folclore brasileiro* (2005).

Por fim, a partir dos resultados do questionário semântico-lexical (QSL), comparamos as variantes encontradas nos cordéis com os dados do ALPB (1984) e do ALiB (2014), visando aos aspectos lexicais que aparecem nos poemas e refletem na fala paraibana.

3. Análise do corpus

Analizamos os cordéis *Brasí Cabôco*, *O São João do Balaiêro*, *Vingança de cabôco*, *A cacimba*, *Festa de apartação*, *Bôa noite Paraíba*, *Cunfissão de cabôco*, *O sertão em carne e osso*, *O drama nordestino*, *Amô de Cabôco* e *Tributino – O vaqueiro*, buscando identificar os aspectos lexicais que refletem na fala rural paraibana por meio da comparação com os dados do ALPB (1984) e do ALiB (2014). Também verificamos a forma como cada variante foi registrada no português, visto que a escrita possui variações, assim como a fala, apresentando, muitas vezes, várias palavras para um único referente e vários significados para uma unidade lexical.

Brasí Cabôco

Brasí cabôco não come
Assentado nos banquete,
Misturado cum os hôme
De casáca e anelão...
Brasí cabôco só come
O bode sêco, o feijão,

E as vêz uma paneláda,
Um pirão de **carne verde**,
Nos dias da inleição
Quando vai servi de iscáda
Prôs hôme de pusição!

[...] É o Brasi das vaquêjada,
Do abôio dos vaquêro,
Do arranco das boiáda

Nos fechado ou **tabulêro**!

É o Brasí das cabôca
 Qui tem os óio feiticêro,
 Qui tem a bôca incarnada,
 Como fruta de **cardêro**
 Quando éla náce alêjáda!

É o Brasí das promessa
 Nas noite de São João!
 Dos carro-de-boi cantando
 Pela bôca dos **cocão**!
 (LUZ, 1979, p. 18-19, grifo nosso).

Identificamos, neste cordel, o uso da expressão *carne verde*, acepção para carne fresca, ou seja, de animais abatidos um dia antes do consumo; e dos termos *tabulêro*, regionalismo do Nordeste, segundo Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), usado para se referir a um terreno com poucas árvores ou arbustos; *cardêro*, que diz respeito à planta cardeiro ou mandacaru, muito comum da região nordestina; e *cocão*, peça dos carros de bois na qual gira o eixo.

O São João do Balaiêro

A morte marvada e fría,
 Num caminhão se virou.
 Num monstro, dos ói de fogo,
 Qui os oínho do balaiêro
 De repente incendiou!

Dá daqui, dá dacadá,
 Fazendo “**corta-lorenço**”
 Prá se livrá do marvado,
 O pobre, perdendo o senso,
 Foi pelo monstro esmagado!...

[...] Morreu oiando as istrêla,
 Os catôquinho de véla
 Qui Deus acende no céu!

...Dispôis, na Xã-da-Priguíça,
 Num **mucambinho de táipa**
 Todo cuberto de páia,
 A tristêza se agazáia!
 (LUZ, 1979, p. 30-32, grifo nosso).

O cordelista, neste poema, fez uso do fraseologismo *corta-lorenço*, oriundo da expressão popular “dá o corta lorenço”, que significa despistar, enganar, tapear; e dos

vocábulos *mucambinho de táipa* para se referir a uma habitação do sertão feita de barro amassado, com varas ou bambus amarrados com cipós.

Vingança de cabôco

Há munto tempo eu sabía,
Qui um tá de Pêdo Canéla,
Um cabôco bem **pachóla**,
Um tocadô de vióla,
Ruía paxão prú ela...

[...] Inquanto as núve chorava
As láguima de seus chuvísco,
O truvão véio pipocava,
O relampo faiscava
Acendendo um fôgaréu,
A gente via o **curísco**
Cummo umas faca de fôgo
Rasgando o buxo do céu!!!
(LUZ, 1979, p. 37-44, grifo nosso).

Neste cordel, identificamos o uso dos termos *pachóla*, regionalismo, de acordo com os dicionários de Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), usado para se referir ao indivíduo pedante e cheio de si; e *curísco*, o qual diz respeito à descarga elétrica que ocorre na atmosfera e que, segundo Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), também é um regionalismo do Ceará para indicar o indivíduo que, sem aviso prévio, faz-se de hóspede.

A cacimba

Tá vendo aquéla **cacimba**
Lá na bêra do riacho,
Im ríba da ribancêra,
Qui fica, assim, prú dibáxo
De um pé de Tamarinêra?

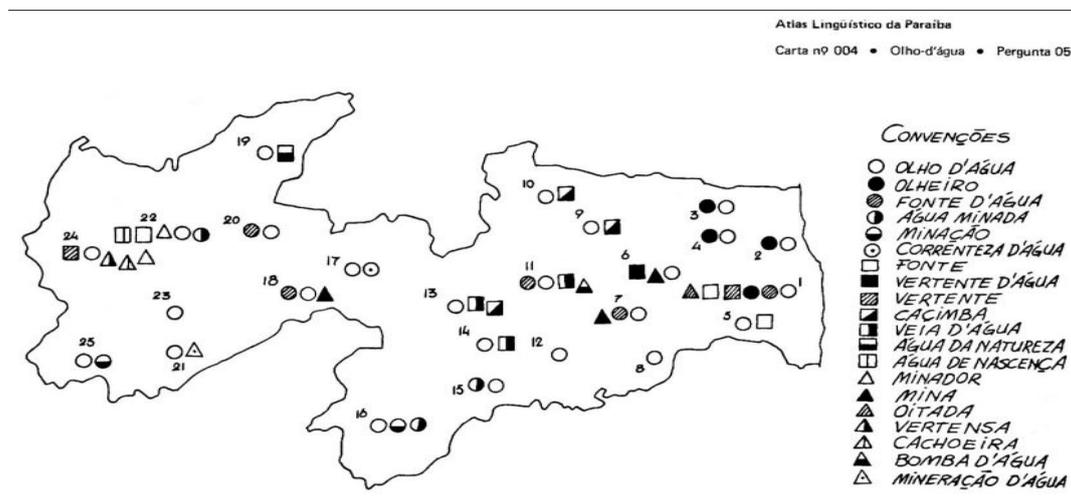
Pois, um **magóte** de môça,
Quáge toda menhâzinha,
Fóima, assim, aquéla **túia**,
Tumando banho de cúia!

[...] Quando eu vejo essa **cacimba**,
Qui ispio a minha cára
E a cára torno a ispiá,
Naquélas água quilára
Pégo logo a deseja...

...Desejo, praquê negá?
 Desejo sê um **caçóte**,
 Cum dois óio dêsse tamanho!
 Pra vê, aquêlê **magóte**
 De môça tumano banho!!!
 (LUZ, 1979, p. 49-50, grifo nosso).

Verificamos, neste cordel, a variante *cacimba*, que consta, em Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), como regionalismo do Nordeste para designar uma escavação, semelhante a um poço, feita em terreno baixo e úmido ou em leito seco de rio. Ao comparar com as outras obras, verificamos que essa variante foi registrada no ALPB (1984), na carta nº 004 (figura 1), em três localidades: Barra de Santa Rosa, Picuí e Taperoá.

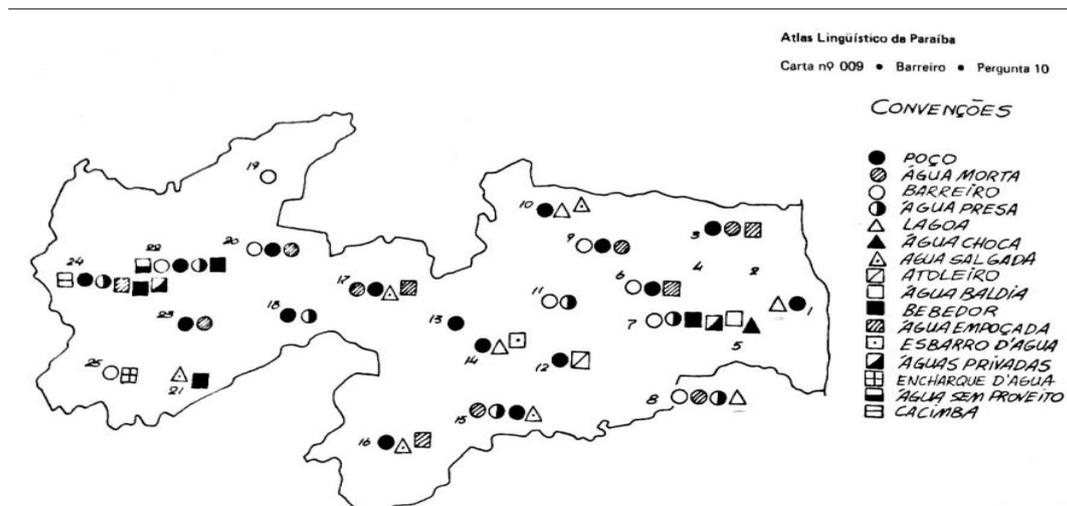
Figura 1 – Carta lexical nº 004



Fonte: Aragão e Menezes (1984, p. 33).

Essa variante também foi registrada na carta nº 009 (figura 2), na região de Cajazeiras.

Figura 2 – Carta lexical nº 009



Fonte: Aragão e Menezes (1984, p. 38).

No cordel, identificamos também o uso dos termos *túia*, usado, no Nordeste, para se referir a uma grande quantidade; *caçóte*, nome popular para designar uma pequena rã, comum da região Nordeste; e *magóte*, que diz respeito ao ajuntamento de pessoas ou de coisas.

Festa de apartação

_Vaquêro bom,
 Não ingêita, não troucêia,
 Dirrúba a rêz, bota a **pêia**,
 Prá dispôis inxucaíá.
 Todo vistído
 De **gibão** e **guarda-peito**,
 Bem custurado, bem feito
 Móde os mato não furá.

_ Êsses vaquêro
 Qui são fíio aqui do Norte,
 Não respeita nem a morte
 Quando saí à campíá.
 Bota os caválo
 Sem **sobroço**, cum coráge,
 Disgraça pouca é bobáge
 Móde esses **cabra** infrentá!
 (LUZ, 1979, p. 76, grifo nosso).

Neste poema, Zé da Luz fez uso do termo *pêia*, corda usada para prender os pés dos animais e também para subir em coqueiros; do fraseologismo *guarda-peito*, que,

segundo os dicionários de Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), é um regionalismo do Nordeste para designar um pedaço de couro curtido com que os vaqueiros protegem o peito; e *gibão*, outro regionalismo que se refere a um casaco de couro usado pelos mesmos indivíduos. Identificamos ainda o uso das variantes *sobroço*, termo popular para medo, e *cabra*, um regionalismo para sujeito, indivíduo valente, mestiço ou jagunço.

Bôa noite Paraíba

Sodade dos Carrocé
Das bulaxinha-de-tába,
Dôce-sêco e **capilé**...

[...] O grande Pêdo Cristãvo
“Cabeça de Tatú-péba”
Fazendo umas pirueta,
Umas minzúra e carêta
Vistido de **Bedeguéba**.

[...] E os banho, as brincadêra
Atraz das “Galinha gorda”
Sartando das ribancêra?

“Galinha gorda.
Gorda éla.
Cadê o sá?”

“Tá na panela.
Vamos cumê-la
De **cabidéla**.”

[...] Hoje, duente, acabádo,
Um burro véio cansádo,
Qui há muito tempo trabáia,
Eu já mi sinto injuádo
Cum o peso de uma **cangáia**...

A **cangáia** do Distino,
Qui trago im ríba do lombo!
(LUZ, 1979, p. 100-106, grifo nosso).

Evidenciamos, neste cordel, o uso da variante *capilé*, que, de acordo com Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), é uma acepção regional da Paraíba para refresco de frutas com água e açúcar. Identificamos também o uso dos termos *bedeguéba*, regionalismo do Nordeste para designar o indivíduo que é patrão e exagera teatralmente suas ordens, e um regionalismo da Paraíba e Pernambuco para designar o

personagem do velho em alguns autos de Natal realizados nessas regiões; *cabidêla*, outro regionalismo da região nordestina, que diz respeito à maneira como a galinha é cozida, em molho preparado com o seu caldo, seu sangue avinagrado e com farinha de trigo, conhecida em outras localidades por galinha ao molho pardo; e *cangáia*, um regionalismo para um artefato usado no lombo de cavalos, burros ou jumentos para carregar cargas.

Cunfissão de cabôco

Honte, já de tardezinha
 Meu cumpáde, o Quinca Arruda,
 Mi chamou, pra nós dansá
 Num samba – lá na Varginha
 Na casa de “Mestre Duda”.

“Mestre Duda” é um cabôco,
 Um tocado de premêra,
 É o **imboladô de côco**
 Mió daquêlas **rebêra**.

[...] Sempre andando, sempre andando
 Eu fui vendo, seu Doutô,
 Qui o marváo ía tumando
 Dereção de minha casa!

Minha casa!... Sim sinhô!

Já pertinho, no terrêno
 Eu mi iscundí, prú detraz
 De um pé de **trapiazêro**.

[...] Sempre nessas circuntança
 Os hôme foge da morte.
 Correu o cabra, Doutô,
 Tão **vexádo**, qui dexou
 A carta caí no chão!

(LUZ, 1979, p. 120-125, grifo nosso).

Neste cordel, identificamos alguns regionalismos do Nordeste, como os termos *imboladô de côco*. Segundo os dicionários de Houaiss e Villar (2001), Ferreira (1986) e Cascudo (2005), embolador é quem canta ou faz a embolada, uma forma poética em que os textos são declamados rapidamente sobre notas repetidas, comum do sertão do Brasil. Já o coco é uma dança de roda, cantada em coro que responde aos versos do coqueiro (cantor) e acompanhada por percussão. Outro regionalismo é *rebêra*, usado em algumas localidades do Brasil para designar as terras baixas adjacentes às margens de

um rio, mas, no Nordeste, esse termo é usado para designar uma zona rural que compreende certo número de fazendas para a criação de gado. O poeta também utiliza os termos *tapiazêro*, árvore nativa da caatinga, e *vexádo*, regionalismo do Nordeste para aquele que tem pressa, impaciente.

O sertão em carne e osso

_ No rompê das arvoráda.
Quando alegre a passarada
Se dismancha im canturíá,
Anunciando ao sertão,
A sua ressurreição
No dispontá de outro día!

Nos gáio das **baraúna**,
Os magóte de graúna
Quando o seu canto disáta,
Parece uns vigáro véio,
Cantando o Santo Evangéio
Na igreja verde da mata!

[...] Canta pêlas noite à dento,
No choradinho das sanfona,
Voz dos samba e das fonção,
Onde os môço se diverte,
Onde os mais véio se interte,
Ruído pela sodade
Dos tempo da mucidade,
Quando dansáva o **baião**!

E canta o sertão intêro
Afugentando a tristeza!
(LUZ, 1979, p. 142-143, grifo nosso)

O cordelista, neste poema, fez uso do termo *baraúna*, nome dado a uma árvore comum do Nordeste, a partir da qual são feitos os mourões das cercas de arame farpado. Baraúna também é o nome de um município do estado da Paraíba, localizado na região geográfica imediata de Cuité-Nova Floresta. Verificamos também o uso do regionalismo *baião*, que diz respeito a um tipo de música e dança popular do Nordeste, oriunda de um lundu.

O drama nordestino

Dispôis de longa viáge,
Pagando passáge cara,

Tá cumo uns bicho serváge
Decendo dos “**Pau-de-arara**”!

[...] Vá contemprá a imáge,
Do cabôco qui não come
E tem a santa coráge
De morrê de sêde e fome!

Vá no oitão das **tapéra**
Onde a dô e o luto móra,
Abra o currá da mizéra
E bote a fome prá fóra!
(LUZ, 1979, p. 149-150, grifo nosso).

Identificamos, neste cordel, o fraseologismo *pau-de-arara*, que, no Nordeste, diz respeito a um meio de transporte irregular e de má qualidade, usado para levar nordestinos que fugiam das mazelas do sertão em busca de melhores condições no sudeste do país. Além desta expressão, verificamos a variante *tapéra*, acepção para habitação em ruína, tomada pelo mato, aldeamento ou povoação abandonada, segundo os dicionários de Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986).

Amô de Cabôco

Hoje eu vivo sastifeito.
E quando as vêz, um sujeito,
Passa lá pelo meu rancho
E cum falta de arrespeito,
Me pergunta todo ancho:

_ Tem hoje uma pagodêra,
Um samba, na Pitombêra,
Você não vai dansá, não?
_ É esse aqui o meu samba,
É essa a minha fonção!

Eu orguiôso arrespondo,
Ao cujo dito amostrando,
Deitadinho na **tipóia**,
Um **batorezinho sambudo**,
Um cabôquinho barrigudo,
Paricido com a Quinóia!!!
(LUZ, 1979, p. 167-168, grifo nosso)

Neste cordel, evidenciamos o uso do termo *tipóia*, que, de acordo com o dicionário do folclore brasileiro (CASCUDO, 2005), refere-se a uma rede de dormir, estreita e simples. Também encontramos as variantes *batorezinho*, regionalismo do

Nordeste para designar um indivíduo de pouca estatura e pesado, e *sambudo*, outra ocorrência desta região para se referir ao sujeito com o ventre inchado.

Tributino – O vaqueiro

Apôis bem. Foi néssa dansa
Qui fugiu minha isperança,
Qui morreu minha inluzão!

O curpado disso tudo,
Foi um tá de Zé Rumão,
Um cabôco distruçido,
Um **capadóço** atrivído,
Tocadô de violão.
(LUZ, 1979, p. 178, grifo nosso).

Neste poema, Zé da Luz faz uso do termo *capadóço*, regionalismo, de acordo com Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), utilizado para se referir tanto ao indivíduo que engana os demais, dando-se ares importantes, quanto ao sujeito que canta à noite sob a janela de sua amada.

A partir da análise, foram encontrados, nos cordéis, termos referentes ao léxico do Nordeste do Brasil, dentre os quais destacamos *capilé* e *bedeguéba* que, segundo Houaiss e Villar (2001) e Ferreira (1986), são regionalismos do Estado da Paraíba, e a variante *cacimba* que foi registrada nas cartas lexicais do ALPB (1984). Desse modo, inferimos que, na obra *Brasil caboclo – O sertão em carne e osso* (1979), o cordelista Zé da Luz faz uso de uma linguagem simples e regional, explorando a riqueza do vocabulário usado na região Nordeste, o qual, além de nos permitir conhecer a história e a cultura desse povo, possibilita compreender a variedade do português brasileiro.

Conclusão

Os estudos no campo da Dialectologia permitem identificar as particularidades do português falado em uma dada região dialetal mediante o levantamento dos falares regionais, neste caso o Nordeste, especificamente na Paraíba, mapeada nas cartas lexicais do *Atlas Lingüístico da Paraíba – ALPB* (1984) e do *Atlas Lingüístico do Brasil – ALiB* (2014) e terra natal do cordelista Zé da Luz, autor da obra *Brasil Caboclo – O sertão em carne e osso* (1979), que serviu de objeto para a nossa análise.

Nesse sentido, este artigo teve como objetivo analisar a variação lexical nos cordéis do poeta Zé da Luz, buscando identificar os aspectos linguísticos da fala rural paraibana, verificar a forma como cada variante foi registrada no português brasileiro, por meio dos dicionários de língua portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001; FERREIRA, 1986) e o dicionário do folclore brasileiro (CASCUDO, 2005), e comparar o léxico presente nos poemas com os registros do *Atlas Lingüístico da Paraíba* (1984) e do *Atlas Linguístico do Brasil* (2014).

A análise do *corpus* contou com o levantamento dos aspectos lexicais presentes nos cordéis, assim como a comparação destes com dados de fala de outras obras, o que resultou em diversos termos relacionados ao léxico do português falado no Nordeste. Dentre os termos identificados, *capilé* e *bedeguéba* são regionalismos da Paraíba, segundo os dicionários pesquisados, e a variante *cacimba*, após a comparação com as outras obras, foi registrada nas cartais lexicais do ALPB (1984). Dessa forma, verificamos quais palavras e expressões os informantes dessa região usam, configurando uma característica do falar paraibano.

Diante do exposto, constatamos que o cordelista Zé da Luz exalta a sua terra natal, ou seja, a Paraíba, e valoriza a linguagem simples e regional por meio da espontaneidade e força poética de seus versos, ressaltando os aspectos linguísticos da fala sertaneja e, assim, contribuindo para a compreensão da diversidade linguística do português brasileiro, visto que a língua varia de acordo com diversos fatores linguísticos e extralinguísticos.

Referências

- ABREU, M. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.
- ARAGÃO, M. S. S.; MENEZES, C. P. B. *Atlas Lingüístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação editorial, 1984.
- CARDOSO, S. A. M. S. *et al. Atlas Linguístico do Brasil*. Londrina: Eduel, 2014.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LUZ, Z. *Brasil caboclo – O sertão em carne e osso*. Paraíba: Acauã, 1979.

ROSA, F. T. M. *O Brasil cabôco de Zé da Luz: um passeio pela representação do sertão e si*. 2008. Dissertação (Mestrado em estudo de linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: http://www.ppgel.uneb.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/rosa_flavia.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

SILVA, L. A. *O falar paraibano: um estudo da variação lexical nos cordéis do poeta Zé da Luz*. 2021, 83 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000232874&print=y>. Acesso em: 13 jun. 2023.